
Apresentação

Corre à boca pequena um antigo ditado, segundo o qual “família é sempre a mesma; só muda o endereço”, calcando-se a premissa na percepção da família nuclear como o alicerce da sociedade moderna, ainda a repercutir no mundo contemporâneo. Pai, mãe e filhos interagiriam, então, em um universo pretensamente cercado de afetos, onde o conflito subjacente a qualquer relação humana é posto à margem, em função dos laços de sangue. Acostumamo-nos a pensar que, por força da tradição, questões suscitadas no espaço privado devem ficar adstritas ao recôndito do lar. Ledo engano, porque “família” não é bem o que pensamos que é, nem o que queremos que seja. Sob o teto do suposto “lar, doce lar”, fervilha uma miríade de sentimentos, no mais das vezes menos edificantes do que supõe a nossa vã filosofia.

Outro dito ainda hoje ventilado – embalde os episódios excruciantes que, pelos noticiários, adentram as salas de estar, a qualquer hora do dia e da noite – é o clássico “em briga de marido e mulher, ninguém põe a colher”; reação conservadora e cômoda

diante da necessidade, a cada dia mais premente, de intervir frente a situações abusivas que mormente martirizam mulheres e crianças e fazer grassar reflexões aprofundadas sobre o que se passa no âmago dos espaços privados.

Os articulistas que contribuíram generosamente com o presente número foram convidados a selecionar obras com temáticas afins e analisá-las de maneiras as mais diversas, comprovando a complexidade e a atualidade destas reflexões. Em que pese a amplitude das abordagens ora apresentadas, há que perceber a linha tênue que enlaça os artigos, dispostos em três grandes eixos.

O primeiro eixo agrupa textos cuja análise remonta aos núcleos familiares tradicionais e o seu papel na manutenção do discurso patriarcal. Nestes, a maternidade figura como função precípua da mulher. Em princípio entendida como encaminhamento “natural”, o “tornar-se mãe” constrange a participação feminina aos espaços domésticos, o que redundava em auto-anulação, com atravessamentos socioculturais, raciais e étnicos, das gerações precedentes. No entanto, a passagem intergeracional sugere uma gradativa tomada de consciência de filhas e netas quanto à subcondição a que estão sujeitas, o que as leva a colocar em xeque inclusive a rígida estrutura familiar.

As interações entre homem e mulher ou entre pai e/ou mãe e filhos permitem um número inimaginável de narrativas. Há duzentos anos, o discurso romântico fazia do casamento o fecho de ouro das histórias de amor. Ao final do romance, as cortinas se fechavam para preservar a intimidade dos consortes. No entanto, na literatura contemporânea, esse mesmo rito passa a ponto de partida para os conflitos representados literariamente. E os escritores são particularmente felizes, quando desvelam que “alguma coisa está fora de ordem” também nos espaços privados, o que, mais dia menos dia, há de emergir para a esfera pública.

O segundo eixo descortina o papel desempenhado pelas amas e criadas e a sua inserção nos ambientes domésticos. Com a crescente feminização do trabalho doméstico entre os séculos XVIII e XIX, podemos adentrar, por meio do conjunto de artigos, no universo da criadagem nas casas das famílias burguesas e compreender como se estabelecem as relações entre senhores, senhoras e aias. Saídas dos meios campestres em direção à cidade, em busca de melhores condições de vida, as jovens passam a compor o novo núcleo, tal e qual uma família alargada. No entanto, invisibilizadas por sua condição social, ficam expostas ao assédio dos patrões, tendo inclusive de guardar segredo frente às situações de abuso sexual, para não sofrerem retaliações no momento seguinte. Mesmo que as mais antigas não venham a se casar jamais e as mais novas já consigam sair do espaço estritamente doméstico, em função das mudanças trabalhistas na passagem do século XIX para o XX, as serviçais perduram subalternizadas, assim como seus filhos, e demandam a “benevolência” das patroas, para mantê-los consigo em horário de trabalho.

No terceiro eixo, prevalece a leitura de narrativas que focalizam a infância e as marcas decorrentes da exploração de crianças e jovens, as quais hão de vir à tona com o passar do tempo, em seres que, uma vez subalternizados, mal encontram forças para escapar à sujeição quando adultos. Deparamo-nos com crianças deixadas na Roda dos Expostos, solução vista, à época, como humanitária, para debelar a alta taxa de infanticídio, em meados dos Oitocentos. Outras doadas pelos familiares, como forma de fugir à extrema pobreza de seus familiares. No entanto, essas mesmas crianças, ao passarem a viver *de favor* na casa de outrem, pagam o preço pelo “espírito cristão” de seus pretensos benfeitores e sequer têm reconhecido o direito à infância. Uma vez agregadas à família mais abastada, são introduzidas de imediato no universo do trabalho e de lá não saem, tornando-se “prisioneiras da casa”.

Por outro lado, no cenário contemporâneo, no qual a mulher que trabalha fora deveria figurar como um sujeito emancipado, segue ecoando valores cristalizados segundo a ótica do patriarcado, que fazem da mãe a principal responsável pela proteção dos filhos, ficando os mesmos, na ausência das mesmas, vulneráveis ao abuso, violência e abandono, por parte dos genitores. Mais um ponto em favor dos literatos; por sinal, os que mais se empenham em colocar na pauta do dia questões que, de outra maneira permaneceriam submersas, dando voz aos subjugados, oportunizando mudanças de mentalidade da sociedade, em grande parte gestada sob as “leis” do patriarcado, e promovendo avanços legais de fato e de direito para a proteção dos atores, em meio à vivência doméstica.

Por fim, comparece ao presente número o enlace entre memória e infância, ambas compartilhadas pela brasileira Nélide Piñon e pelo português José Saramago. Saliente-se que as imprecisões e os lapsos temporais conferem maior verossimilhança aos testemunhos, dado o intervalo entre os primeiros anos de vida e o período de senectude por que percorrem os escritores ora retratados. O relato de um e outro resgata as gerações anteriores, empenhados que estão no cultivo de uma memória familiar, sobre a qual se debruçam, vindo a promover um importante espaço de reflexão e aproximando o leitor de suas próprias recordações

Completando o conjunto de artigos da revista, temos a apresentação do volume de *Sena & Sophia: centenários* (2020), organizado por Gilda Santos, Luci Ruas e Teresa Cristina Cerdeira, e editado pela editora Bazar do Tempo, como um livro de encontros “na dupla acepção de festejar e officiar”, como observa Monica Fagundes. Fruto do Congresso Internacional “Sena & Sophia: centenários”, realizado pelo Real Gabinete Português de Leitura e pela Cátedra Jorge de Sena, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em setembro de 2019, o livro tem o propósito de percutir os saberes de pesquisadores de renome no mundo acadêmico, legando aos leitores

de Sophia de Melo Breyner e Jorge de Sena, de agora e do futuro, a partilha de um banquete intelectual. Como arremata a resenhista, “publicado o livro, quantos novos encontros não produzirá?” Que venham, para o nosso gáudio novos, e renovados encontros!

Monica Simas

Università Ca' Foscari Venezia, Itália / CNPq

Elisabeth Martini

Secretaria Municipal de Educação do
Rio de Janeiro / Universidade de Lisboa